

A TRANSFORMAÇÃO DO MITO EM JACQUES PRÉVERT

*Silvana Vieira da SILVA**

Cronologicamente distante de Charles Nodier, tendo afinidades com Arthur Rimbaud e através dele com os surrealistas, ligado pelo século a Guillaume Apollinaire, Jacques Prévert publica em plena 2ª Guerra Mundial seu primeiro recueil, *Paroles*, em 1945. Artista plural, trabalhou com maestria em vários aspectos da arte, como o cinema, colagem, teatro, canção e sobretudo, a poesia — poesia esta que tinha como um dos objetivos desmitificar a linguagem, levando sua arte maior a uma popularização. Essa intenção, logo alcançada, deu-lhe o título de "poeta popular", ou o "poeta de Paris".

Depois de 1940, a poesia vivia muito afastada da realidade por causa de, escreve Gaëtan Picon, estar "enfermée dans les jeux du langage, la subjectivité lyrique, les transcriptions de la métaphore ou du Symbole, un irrationnel insolite et souterrain" (6, p.

* Departamento de Letras Modernas-Faculdade de Ciências e Letras-UNESP-14800-Araraquara-SP.

166). A partir de então, a poesia começa a tentar reestabelecer uma comunicação com a realidade, onde o "je est dévalorisé au profit de nous" (6, p. 167). Nasce uma poesia inédita, realista, e com ela, uma nova maneira de tratar a linguagem, misturada entre traços surrealistas e mensagens realistas.

Onde entrariam o mito e sua problemática? Pensamos que Prévert, através de alguns aspectos míticos que encontramos em sua obra, tenha tentado sutilmente "ensinar" a seus leitores a magia do mito em algumas de suas manifestações. Como o poeta nunca foi tradicional — e ruptura é um conceito facilmente aplicável a toda a extensão de sua obra — é a partir da ruptura do mito que Prévert vai trabalhá-lho.

Segundo Claude Abastado, teórico do Surrealismo, o projeto surrealista era o de "changer la vie", "transformer le monde", "deux mots d'ordre prométhéens" (1, p. 41). Ora, o que encontramos no interior da obra prévertiana nada mais é do que uma teoria de mudança, de transformação do mundo. Ele quer eliminar o ranço que envolve a sociedade. Podemos encontrar cada passo de Prometeu nos versos de Prévert. O poeta, assim como este personagem mítico, não admite "a

supremacia dos deuses" imposta por Zeus, ou por nosso próprio Deus, um ditador: "ses frères en Jésus-Christ/tous ses frères en Mussolini (...) les éventreurs ... les aviateurs ... les mitrailleurs .../ toute la clique de notre seigneur ..." (9, p. 205).

A criança, para os surrealistas e também para Prévert, é um mito. Nadja, personagem surrealista do romance homônimo de André Breton, "est une créature mythique parce qu'elle se situe à l'origine du monde et d'une nouvelle genèse" (10, p. 151), assim como a criança, personagem constante na obra poética de Prévert.

Rompendo e ao mesmo tempo retomando o papel dos poetas líricos dos séculos XII e XIII, que compunham suas obras na língua do Norte da França, chamados de **trouvères** e que elaboraram "toute une mythologie de la Femme et de l'Amour, au moyen d'éléments chrétiens, mais **en dépassant ou contredisant les doctrines de l'Église**" (3, p. 211)*, Prévert oferece-nos o mito do eterno retorno, visto que "toutes les collectivités humaines recourent à des mythes, c'est - à - dire, au sens propre, à des récits fabuleux,

* grifo nosso

histoires de dieux ou de héros légendaires, qui sont tenus pour vrais par les sociétés qui se les racontent; bien que leur caractère de fiction éclate aux yeux de tous" (5, p. 16). Os mesmos temas, os mesmos problemas do homem contados há mais de oito séculos, são recontados pelos poetas contemporâneos. Esse fato remete-nos uma vez mais à teoria de Tadié, para quem um "récit mythique répète un récit primordial; 'Une aventure est **à la fois** une aventure réelle et le symbole d'une autre aventure': les chevaliers de la Table ronde répètent l'histoire de Joseph d'Arimatee qui répète celle du Christ, lui-même annoncé par l'Ancien Testament" (10, p. 146).

No caso de Jacques Prévert, mais especificamente, é "par le détour du mythe que le récit poétique vise le réel" (10, p. 147) e é assim que o poeta vai tratar os mitos em sua obra: desviando-os de si próprios, "dessacralizando-os". O mito deve "révéler les modèles exemplaires de tous les rites et de toutes les activités humaines significatives" (10, p. 148) e ele é, ao mesmo tempo, "mémoire et création" (10, p. 149). Em Prévert ele é, sobretudo, **recriação**. Prévert tem o mesmo objetivo de Aragon, seu companheiro surrealista: "faire naître des mythes

nouveaux, en confrontant des personnages marginaux de la vie moderne avec des mythes anciens" (10, p. 149).

Vejamos alguns exemplos contidos na obra prévertiana: em "Salut à l'oiseau", após uma enumeração de saudações aos pássaros, utilizando-os muitas vezes como pretexto para críticas, como "Je te salue/oiseau des jeux de mots/oiseau des jeux de mains/oiseau des jeux des vilains/Je te salue/oiseau du plaisir défendu/oiseau des malheureux/oiseau des meurts-de-faim"/(...)/, Prévert termina o poema com "Je te salue/ Phénix fort/ et je te nomme/Président de la vraie république des oiseaux /et je te fais cadeau d'avance/du mégot de ma vie / afin que tu renaisses/quand je serai mort/des cendres de celui qui était ton ami" (9, p. 226). Fênix, "ave fabulosa, originária da Etiópia, e ligada ao culto do sol, entre os egípcios. Tinha a aparência de uma águia gigantesca, vermelha cor de fogo, azul-claro, púrpura e ouro, mais bela e mais irisada que o pavão. Conta-se que era a única de sua espécie e não se produzia como os outros animais. Quando a morte se aproximava, juntava plantas perfumadas e formava uma espécie de ninho. Punha fogo a esse ninho, tendo se deita

do nele e, depois de tudo consumido, ressurgia das cinzas. Afirmava-se que uma Fênix durava quinhentos anos" (4, p. 151). No poema de Prévert, a Fênix é sua própria obra, os pássaros, as palavras ou os poemas, que através de Fênix, "Président de la vraie république des oiseaux", vai sempre renascer a cada participação do leitor.

Osiris, deus egípcio que simboliza, entre outras interpretações, a "réintégration sous une forme plus élevée, comportant une signification spirituelle" (2, p. 715), no poema "Osiris ou la fuite en Egypte", é apenas uma "estátua viva de madeira morta", e que celebra um casamento no museu do Louvre, em Paris: "Un homme avec une femme/Marchent dans un musée/Leurs pas sont les seuls pas dans ce musée désert/ Ce musée c'est le Louvre/ Cette ville est Paris/ et la fraîcheur du monde/ Est là tout endormie/ Un gardien se réveille en entendant les pas/ Appuie sur un bouton et retombe dans son rêve/ Cependant qu'apparaît dans sa niche de pierre/ La merveille de l'Egypte debout dans sa lumière/ La statue d'Osiris vivante dans le bois mort/ Vivante à faire mourir une nouvelle fois de plus/ Toutes les idoles mortes des églises de Paris/ Et les

amants s'embrassent/Osiris les marie/Et puis
rentre dans l'ombre/ De sa vivante nuit" (9, p.
219).

Já em "Le combat avec l'ange", Prévert vol
ta-se para um dos mitos religiosos. O cenário é
um ringue de boxe e os lutadores são o anjo e
Jacó, numa alusão aos personagens bíblicos cita
dos nos Gêneses. Na verdade, Prévert tira provei
to do mito bíblico para pedir uma trégua antes
mesmo do início da 2ª Guerra Mundial, já que es
se poema é datado de 1939: "N'y vas pas/ tout
est combiné d'avance/ le match est truqué/et
quand il apparaîtra sur le ring/environné d'éclairs de
magnésium/ ils entonneront à tue-tête le Te
Deum" (9, p. 22). Há total ausência de denomina
ção dos personagens, exceto o indício no título
já citado; sendo muito sutil a recorrência pré
vertiana a esse mito, no qual Jacó, num sonho,
luta com um anjo.

O mito de Orestes é retomado na pele de um
aluno de nome Hamlet, em "L'accent grave". Aqui,
o personagem de Shakespeare não consegue respon
der "presente" como todos os outros alunos ao
professor que faz a chamada, e a todo momento re
pete a célebre frase do drama shakespeariano,
"to be or not to be", ao ser interpelado pelo

mestre:

"

LE PROFESSEUR

Élève Hamlet!

L'ÉLÈVE HAMLET

(sursautant)

...Hein...Quoi...Pardon...Qu'est-ce qui se passe...
Qu'est-ce qu'il y a ...Qu'est-ce que c'est?...

LE PROFESSEUR

(mécontent)

Vous ne pouvez pas répondre "présent" comme tout le monde?
Pas possible, vous êtes encore dans les nuages.

L'ÉLÈVE HAMLET

Être ou ne pas être dans les nuages!

LE PROFESSEUR

Suffit. Pas tant de manières. Et conjuguez-moi le verbe
être, comme tout le monde, c'est tout ce que je vous
demande.

L'ÉLÈVE HAMLET

To be...

LE PROFESSEUR

En français, s'il vous plaît, comme tout le monde.

L'ÉLÈVE HAMLET

Bien, monsieur. (Il conjugue:)

Je suis ou je ne suis pas

Tu es ou tu n'es pas

Il est ou il n'est pas

Nous sommes ou nous ne sommes pas...

LE PROFESSEUR

(excessivement mécontent)

Mais c'est vous qui n'y êtes pas, mon pauvre ami!

L'ÉLÈVE HAMLET

C'est exact, monsieur le professeur,

Je suis "où" je ne suis pas

Et, dans le foud, hein, à la réflexion,

Être "où" ne pas être

C'est peut-être aussi la question."

(9, p. 58-59)

Vênus aparece modificada, autora de um crime, em "Et les cabires on dansé" (7, p. 77), em outra obra de Prévert, *Fatras*. A menção mitológica começa pelo título, já que os cabiros eram divindades misteriosas, cujo principal santuário encontrava-se na Samotrácia. São também considerados enigmáticos demônios. No poema, "La victoire de Samothrace/ Vénus d'un coup de pied l'a décapitée/ Et les restes de sa défaite/

gisent au fond de la mer Égée".

Minerva, por sua vez, chora em "La sagesse des nations": "Minerve pleure/sa dent de sagesse pousse/ et la guerre recommence sans cesse" (8, p. 59). O mito aqui é utilizado como pretexto para um jogo de palavras concernente à sabedoria de Minerva — deusa latina da sabedoria e das artes, filha de Júpiter —, "sagesse" — sabedoria e "dent de sagesse" — dente do siso; e é também usado como crítica aos motivos pueris que, muitas vezes, ocasionam uma guerra.

Em "Et Dieu chassa Adam" (8, p. 213), Deus expulsa Adão com golpes de cana-de-açúcar: "Et Dieu chassa Adam à coups de canne à sucre/ Et ce fut le premier rhum sur la terre". A criação do mundo e seu episódio bíblico são totalmente desmitizados.

Concluindo com Tadié, através de Prévert "le monde retrouve alors son origine magique, son pouvoir d'émerveillement, le caractère sacré que lui redonne la restauration systématique des interdits" (10, p. 149).

BREFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABASTADO, C. *Introduction au surréalisme*. Paris: Bordas, 1971.
2. CHEVALIER, J. et al. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Lafont, 1986. (Verbetes "Osiris").
3. ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1978.
4. GUIMARÃES, R. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1986. (Verbetes "Fênix").
5. JOUBERT, J.-L. *La poésie*. Paris: Armand Colin, 1988.
6. PICON, G. *Panorama de la nouvelle littérature française*. Paris: Gallimard, 1960.
7. PREVERT, J. *Fatras*. Paris: Gallimard, 1983.
8. PREVERT, J. *Histoires*. Paris: Gallimard, 1989.
9. PREVERT, J. *Paroles*. Paris: Gallimard, 1984.
10. TADIÉ, J.-Y. *Le récit poétique*. Paris: PUF, 1978.